

FILOSOFIA, LIBERDADE E LIVRE-ARBÍTRIO

À filosofia, hoje, restam poucos assuntos presentes em seu campo de estudo, entre eles, há filosofia moral, que busca refletir sobre as ações humanas. Nessa discussão, um assunto é debatido desde o seu início até os dias de hoje: a liberdade.

Ora, para nós, parece óbvio que tudo no universo só é o que poderia ser. Afinal, não se discute e até parece estranho refletir sobre a liberdade de um furacão, a liberdade da chuva, liberdade dos fenômenos naturais ou até a liberdade de um animal, a tudo é atribuído uma causa que lhe é exterior. No entanto, quando se pensa na própria vida, acreditamos que somos escultores das nossas próprias decisões, tornando-se necessário fundamentar essa excepcionalidade.

Nesse trabalho, faremos uma breve reflexão sobre o que os principais pensadores trazem a respeito da liberdade humana e o livre-arbítrio.

Platão

Como quase todas as discussões filosóficas, começaremos por Platão. Platão é um dualista, assim como acreditava em dois mundos, o mundo material e o mundo das ideias, também defendia que o homem é constituído de duas partes: corpo e alma.

Em seu pensamento, toda a alma teria três partes. A primeira parte permitiria ao homem sentir. A segunda parte Platão denomina de irascível, é o que permite ao homem reagir aos estímulos do mundo. Essas duas partes da alma são vistas como inferiores.

A terceira parte seria a parte superior da alma, essa parte teria uma função: o pensamento. Uma parte que não estaria submetida aos afetos, apetites e inclinações do corpo. É uma parte autônoma e, portanto, não se inscreve nos nexos de causalidade material. Então, nessa perspectiva, é possível que o corpo deseje algo, mas a alma delibere de modo contrário ao corpo. O grande fundamento que conferiria ao homem a liberdade que mais nada do universo tem é a alma soberana ao corpo.

René Descartes

Para conhecer a verdade, Descartes traz a ideia da dúvida metódica: o duvidar de tudo o que sabe para que se descubra algo que não pode ser duvidado e que, portanto, seria uma verdade. Descartes duvida de tudo. Para ele, apenas uma coisa não resistiu à dúvida: o próprio duvidar.

Se eu duvido de algo, há algo que duvida em mim, o que ele chama de Res Cogitans (substância duvidante). No entanto, quem duvida não é o corpo, pois o corpo é conhecido pelos sentidos, os quais não resistiram à dúvida. Assim, Descartes tem a certeza de ser uma substância duvidante (res cogitans), mas não tem a certeza de ser um corpo material (res extensa), de tal modo que, quando a substância material se romper, a substância duvidante se manterá, e nessa separação há a liberdade, pois, como quem pensa não é o corpo, é-se livre para pensar.

Para ambos, Platão e Descartes, a liberdade está no imaterial, no que transcende a matéria.

Immanuel Kant

Kant propõe uma distinção entre vontade e desejo. O desejo seria uma inclinação do corpo, um reflexo natural da imperfeição deste, pois, se o corpo fosse perfeito, não desejaria. O desejo é imanente à vida do homem. No entanto, além do desejo, o homem possui vontade. A vontade é a reflexão racional que o homem faz sobre seus desejos, sendo, assim, livre para deliberar contra os apetites do corpo.

Nessas três visões apresentadas, há algo em comum: a visão de que o homem é dois, corpo e alma. E, graças à razão ou alma, o homem tem a liberdade de deliberar contra os desejos do corpo.

Jean-Paul Sartre

Sartre faz parte de uma corrente filosófica chamada existencialismo. Para esses filósofos, a existência precede a essência e não existe uma natureza humana à qual devemos ser fieis. Somos livres para existir e, diferentemente de todo o universo, que é o que só se poderia ser, o homem tem a liberdade de fabricar sua própria existência. Mas, para Sartre, o ser livre não é um privilégio e sim uma condenação, o homem é condenado a ser livre, pois com a liberdade ele é responsável por tudo que faz. E ao homem não é dado o fardo apenas de se definir, mas de definir toda a humanidade, pois o que há não é uma definição de homem, mas uma renovada definição de humanidade a partir da atitude de cada homem.

David Hume

Hume traz uma discordância da visão trazida por Kant. O pensamento de Hume se relaciona com o pensamento monista, no qual não há divisão entre corpo e alma, de modo que o homem é apenas corpo, que seria o responsável pelo próprio pensar. Desse modo, Hume diz que a proposta de Kant de a vontade triunfar sobre o desejo é absurda, pois como o que pensa

é o corpo, não havendo uma instância separada exclusivamente para o pensamento, é absurdo admitir que o pensamento possa se realizar de modo totalmente independente do desejo do corpo.

Desejo é energia, e a razão consome energia. Portanto, é inimaginável que a razão, que precisa de energia para funcionar, possa deliberar sem influências sobre seu próprio combustível. Por isso, diz Hume, toda vez que achamos que nossa razão enfrentou e venceu nossos afetos corporais é porque não nos demos conta de todos os afetos envolvidos em uma decisão. A única coisa que nossa razão faz é justificar aquilo que queremos com o corpo.

Spinoza

O que Nietzsche chamaria de vontade de potência, e Freud, de libido, Spinoza chama de potência de agir, a energia que nos mantém de pé e que é determinada pelos nossos encontros com o mundo. Quando o mundo afeta nosso corpo, afeta a nossa potência de agir. Quando nossa potência de agir aumenta nesses encontros Spinoza chama de alegria, a passagem de um corpo menos potente para um mais potente. Quando os encontros diminuem nossa potência, vem a tristeza.

Assim, o que está por trás de nossas opções existenciais é a resistência contra um mundo que entristece e a busca desesperada pelo mundo que alegra. Da mesma maneira que nosso corpo segue essa fórmula, nossa alma também segue, já que para Spinoza a alma não é imaterial nem transcendente, mas apenas a parte pensante do corpo. Nessa mecânica de Spinoza, não há espaço para o livre-arbítrio, pois nosso corpo, que é apenas matéria, faz aquilo que só poderia fazer para proteger a sua potência.

Para Spinoza, a crença no livre-arbítrio vem pela ignorância e falta de consciência das consequências a que os encontros do mundo nos submetem. Para evitar o sofrimento de não saber por que se vive como se vive, surge o conceito de livre-arbítrio.

Nietzsche

Naturalmente, Nietzsche traz a visão mais corrosiva do livre-arbítrio. Nietzsche critica o niilismo, que, em sua visão, seria a crença em verdades absolutas, em mundo transcendentais e na imaterialidade. O niilista é aquele que nega o mundo da vida por outro mundo. Assim, o cristão seria um niilista, pois nega o mundo material por um mundo transcendente além da vida.

Para Nietzsche, todo aquele que acredita em mundos de ideais transcendentais o faz apenas para compensar suas frustrações. A inadaptação ao mundo da vida, o fracasso e o

sofrimento fazem com que o homem busque soluções e consolos que transcendem a este mundo. Pois este mundo é trânsito, conflito, um mundo que alguns ganham e outros perdem e, para aqueles que perdem, nada melhor do que outro mundo, um ideal, estável e permanente.

Pico Della Mirandola, filósofo renascentista, traz em sua Oração à Dignidade do Homem a ideia de que o homem é coautor da própria vida com Deus. Nietzsche reflete sobre essa ideia: se a vida é uma construção do homem com Deus, em que se há liberdade para fazer o que se quer, Deus é cúmplice não apenas das coisas boas, mas das coisas perversas também, inclusive das desigualdades e injustiças existentes no mundo.

Nessa ideia de um mundo transcendente acessível apenas para alguns, o livre-arbítrio é uma ilusão criada para que haja suporte ao pecado, que define e delimita quem possui acesso ou não. Se o homem não fosse livre para pecar, a responsabilidade de suas ações seria de seu criador.

Perguntas para discussão

- Liberdade é fazer o que se quer?
- É possível que a pressão social influencie em nossas decisões? Se sim, podemos dizer que nossa liberdade é limitada?
- Em todas as visões trazidas que admitem a liberdade do homem, ela é vista como causa de algo metafísico, é possível que exista liberdade considerando apenas instâncias materiais?
- Liberdade pode causar sofrimento como define Sartre?
- Kant e Hume trazem visões opostas sobre a liberdade, qual das visões pareceu mais coerente com a realidade para você?
- Qual a sua opinião sobre a visão de livre-arbítrio de Nietzsche?
- No fim, somos realmente livres ou produtos da nossa relação com o ambiente?